

Modernidade e Movimentos Religiosos na Atualidade

Vivemos num período de profundas transformações que atingem diferentes aspectos da organização da vida. As mudanças tanto nacionais como mundiais se dão num processo muito acelerado, o que deixa o ser humano perplexo. Diante desta realidade surgem inúmeras questões: Como nos sintonizarmos com a problemática do real? Como lidar com as mudanças globais e seus efeitos no nível setorizado? Como se posicionar? Há razões para existir? Qual o rumo numa sociedade em que milhões estão rumo? Qual a perspectiva para os milhões de excluídos? Como romper com o individualismo e assumir projetos comunitários? Como articular as diferentes dimensões: pessoal, comunitária e social? Que valores são inegociáveis? Qual o sentido da vida? Onde buscar forças para enfrentar as dificuldades do cotidiano? Onde está Deus nesta história? Estas e inúmeras outras questões estão presente a cada momento.

Os movimentos religiosos não estão alheios a este dinamismo e buscam responder à sua maneira às questões centrais dos seus membros. O desafio é que, em grande parte, as questões não são identificadas com profundidade, pois, a perplexidade falseia as questões centrais e algo que torna-se importante para um grupo não necessariamente é para outro. Ou, o grupo pode estar equivocado nas questões e as respostas, sem dúvida, são determinantes na organização da vida. Se equivocadas, intensificam o desencanto da vida.

Normalmente quando nos deparamos com algo que não entendemos, não cabe no nosso esquema mental, utilizamos duas saídas: 1) descodificar a novidade, decifrá-la, tirar o véu e perceber as inter-relações, entender o porque das coisas; 2) emigrar para uma esfera mítica e buscar uma explicação fora do contexto, isto leva à sacralização e mitificação das sociedades. É a tentativa de sempre dar soluções religiosas para todas as questões. Como afirma Rubem Alves, quanto maior for a sensação de não poder - tanto maior a emigração para uma esfera mítica. Esta atitude reforça a impotência. A impotência leva ao fechamento, à formação de “guetos”, como recurso para seguir sobrevivendo. Neste sentido o auxílio de alguém mais forte, poderoso, onipotente é fundamental para reordenar e orientar a vida.

Em muitos espaços na sociedade atual surgem perguntas, com frequência, sobre a razão porque crescem tantos os movimentos religiosos. Entre as causas que justificam a adesão de tantos adeptos, estão as apontadas por Alberto Garuti no livro *Religiões*, Vol. II, Editora Mundo e missão pp. 218s:

“1. Muitos acham que os novos movimentos satisfazem necessidades fundamentais:

- de certezas, de respostas simples a perguntas complicadas e de orientações claras sobre os problemas da vida;
- de resolver os problemas mais urgentes do cotidiano, como saúde, família e emprego;
- de harmonizar corpo e alma, de experimentar um clima de entusiasmo que dê a impressão de atingir o divino; de realização pessoal, de buscar quem nos valorize, ajudando-nos a descobrir quem somos de verdade;

- de transcendência e de uma resposta às questões últimas da existência;
 - de direção espiritual por parte de um chefe carismático, ao qual é oferecida, muitas vezes, devoção total e absoluta;
 - de participar de um grupo que permita intervir nas decisões em todos os níveis e estimule uma devoção total.
2. O protesto contra a ordem constituída, identificada por muitos com a Igreja católica.
 3. O desejo de pertencer a uma igreja mais fiel ao evangelho faz com que muitos recusem a atual, por causa de suas riquezas, dos escândalos e erros do passado.
 4. O clima de expectativa devido ao ano 2000.
 5. Para alguns movimentos, a atração do Oriente alia-se à necessidade de preencher o vazio deixado pela sociedade consumista ocidental.
 6. O desejo de um estilo de oração menos formal e estática, mais alegre e que envolva toda a pessoa.
 7. A pregação entusiasta e insistente dos membros de muitos desses movimentos e o trabalho intenso e contínuo de recrutamento que os mesmos fazem.
 8. O fato de muitos desses movimentos recorrerem com frequência à bíblia suscita profundo interesse e dá credibilidade à proposta.
 9. A busca de algo que dê sentido à vida.”

Nos parece difícil compreender este fenômeno se não analisarmos algumas questões que caracterizam a estrutura socio-econômico-política e religiosa. Para isto, destacamos alguns elementos que julgamos importantes de cada visão de sociedade, dentro do qual emergem os movimentos religiosos na atualidade. Qual é a visão presente em cada contexto? Qual o pano de fundo? Recordamos que se a religião é construção humana feita historicamente, não podemos desconsiderar as características de cada visão de sociedade. Apresentaremos algumas características gerais.

1. Características da sociedade pré-moderna:

A cultura ocidental durante séculos buscou padronizar o ser humano identificando-o com um modelo. Modelo cultural único que tinha como meta enquadrar as diferentes formas de se posicionar no mundo. Esta cultura gestada a partir do cristianismo unificado com o poder Imperial Romano alastrou-se especialmente pelo ocidente. Tendo como referenciais a concepção helenística que dividia o ser humano entre corpo e alma, uma forma de viver que priorizava a alma. Passam a sistematizar normas, leis, princípios a partir de concepções que possuíam de divindade e dos interesses em perpetuarem-se no poder.

A articulação ocidental cristã passa por inúmeras transformações, influenciada pelas múltiplas

culturas, mas consegue se impor como modelo “supra-cultural”. Um modelo que se propõe ser universal, estático e imutável, dissociado do concreto e do real, um conjunto de idéias e sentidos, de valores e princípios.

Este quadro cultural vai se consolidando sempre mais, principalmente na segunda metade do primeiro milênio de nossa era. Até a Idade Média européia amadurece uma “forma” monocultural que se impõe como modelo hegemônico. Este modelo se expandiu para as novas terras colonizadas.

Organiza-se uma sociedade sacralizada, onde a igreja católica determinava a organização social. Na há espaço para pensar diferente - há uma uniformização, padronização. Sociedade que se articula pela união do poder econômico/político/religioso. Em certos momentos históricos havendo uma profunda fusão, uma simbiose. O olhar para o mundo: pessoa, sociedade, instituições - é um olhar divinizado. Isto determina a postura, o resultado da ação. A leitura é basicamente fundamentalista. As coisas sempre foram assim, por isto, devem ser “como era no princípio agora e sempre”. Não há espaço para o diferente - para a diversidade. O modelo é de identificação. No processo diferenciado de busca de compreensão do ser humano, do transcendente - muitos foram queimados, assassinados, excluídos, etc. Claro que, sempre a vida com seu impulso escapa do controle dos que detém o poder. Por mais totalitária que seja uma sociedade não consegue controlar o pulsar da vida.

Olhar unicamente pelas lentes do religioso inviabiliza a percepção dos múltiplos aspectos do cotidiano. Acaba se tornando uma leitura uniformista, sectária - isto pelo fato dos detentores do poder religioso se outorgarem o direito de dizer o que pode ou não ser dito e feito. É apresentado um único retrato da realidade. Se por um lado se julgam onipotentes por outro criam a culpa, que gera impotência - as duas formas servem para dominar. Como reação ao estabelecido, ao pré-determinado surge o movimento chamado modernidade. Muda o retrato da realidade, ele se populariza e desencadeia novas atitudes.

2. Características da modernidade:

Modernidade não é o mesmo que modernização ou cultura moderna. Para isto, faremos uma distinção de cada termo.

2.1. *Modernização* - é o processo de mudança que se instala em uma sociedade com a introdução de novas tecnologias e técnicas de produção e distribuição de riqueza. Uma sociedade se moderniza na medida em que submete todas as suas instituições, relações e atividades aos critérios da nova racionalidade do mercado mundial. No caso brasileiro inicia basicamente com Collor. As acusações de que a indústria está sucateada. É preciso modernizar, aperfeiçoar as técnicas de produção para adaptar-se às exigências do mercado. É preciso atingir a “qualidade total”.

2.2. *A cultura moderna* - é algo distinto, embora fortemente ligada à modernização. Tem a ver com a mentalidade, os valores e o estilo no cotidiano de vida das pessoas no contexto urbano-industrial ou pós-industrial. É uma atmosfera, um clima, um jeito de ser, pautado pelos meios de comunicação e pelas relações modernas de trabalho. Não existe uma cultura moderna no abstrato. Ela está sempre situada em algum lugar, trabalhada, reelaborada e assimilada pelo grupo humano que aí vive, expressando a realidade humana original deste dado grupo. No Brasil,

a cultura moderna existente assume, em parte, o rosto de nossas culturas, com seus hábitos, língua e no jeito de falar, ouvir e pensar. Mas, por ser moderna ela é também universal e pluralista, aparentada com o que é visto, discutido e vivido em qualquer outro lugar urbanizado do planeta. Assistimos os mesmos filmes, vestimos roupas parecidas com os norte-americanos, usamos os mesmos aparelhos eletrônicos japoneses, coreanos, etc. Desde 1995 nas ruas circulam os mesmos carros importados que trafegam por qualquer cidade moderna do mundo. Temos práticas de saúde, higiene, lazer, relacionamento sexual, estudos, padrões familiares, cada vez mais semelhantes às deles. “A surpresa é não ter surpresa”. Se impõe os mesmos produtos em todas as partes do mundo. Nos situamos dentro das mesmas estruturas e mentalidade que essa cultura traz consigo. Uma grande diferença entre nós e os “modernos” é a miséria das grandes cidades brasileiras.

2.3. *Modernidade* - é um conceito complexo. É uma noção que foi sendo enucleada aos poucos, principalmente de Descartes para cá, isto é desde o século XVII. A modernidade designa as características que o modo de vida dos povos, foi adquirindo ao longo dos últimos três séculos. Os surtos ideológicos no campo político, religioso e científico, foram os andaimes da construção da modernidade. Modernidade, vem da palavra *modus*, que significa “há pouco”, aquilo que está se dando “neste momento” ou “há pouco”, o que é atual.

Modernidade é um movimento que põe no sujeito o privilégio da filosofia e não na instituição. “Penso, logo existo”. É um novo modo de existir que valoriza e mesmo absolutiza o presente e se contrapõe ao: estado, sociedade, técnica, costumes, idéias, valores, arte, moral, religião. É a busca de autonomia, liberdade, democracia, consciência crítica.

Passa a repensar as relações homem/mulher, pessoa/cidadão, sociedade/cultura, valor/sentido. Esta nova articulação passa a influenciar a organização da vida independente da dimensão ético-religiosa, funcionam como inspiradores dos grupos e instituições “modernas”. A modernidade mexe com a personalidade da pessoa: sentimentos, aspirações, valores, objetivos, modo de pensar, comportamentos, linguagem, formação, vínculos, lealdade, etc. O conceito se relaciona com o coletivo, cultural, social. Se dá em dois aspectos: um mais estrutural - econômico, sócio-político, que serve de suporte, e outro, mais psicossociológico e comportamental, que dá o colorido a cada época.

O surgimento do pensamento crítico, do método científico são fontes fundamentais da modernidade. Provocam as revoluções políticas, a industrialização, a universalização da escola e a democratização da informação.

Se dá uma revisão filosófica e antropológica. A concepção que a mulher/homem faziam de si é totalmente alterada. A via para explicar - o porque das coisas - não é mais a religião. A modernidade é um fenômeno de emancipação. O “Eu” do ser humano conhece o mundo pela ciência e o domina pela técnica.

O núcleo da modernidade está no fato do ser humano conseguir tomar distância crítica de si mesmo, de seu passado, de seus mitos e crenças tribais, conseguindo uma maior compreensão racional de si próprio, como desejo e como projeto histórico. Tem a ver, portanto, com a consciência que a humanidade foi adquirindo de si no mundo, com isto o SER HUMANO passa para o centro e em torno do qual giram o sentido e o objetivo das coisas. O que está dentro do mundo passa a ser percebido e valorizado com tal. Esta percepção dá poder ao homem, torna-o capaz de lidar com as

coisas, de transformá-las, de organizar o mundo mais em função das necessidades humanas do que em dependência de forças deterministas da natureza. O homem sujeito ativo e pensante do processo derruba os deuses. A sistematização das múltiplas ciências com seus campos de conhecimento passam a funcionar como motor gerador e transformador. A aplicação destes novos conhecimentos alteram o habitat, criam riquezas, melhoram a qualidade de vida em alguns sentidos - o problema é que é mal distribuída.

A modernidade resulta da consciência global do ser humano sobre si mesmo, incluídas realidades tão distintas quanto o seu lugar no cosmos e os direitos e deveres que decorrem da liberdade e igualdade. Busca das profundas intuições e sonhos nos campos da política, ética, religião - é lado luminoso, consciente da modernidade.

O homem moderno questiona, busca - o problema é que as instituições domesticaram os impulsos libertários que nasceram da modernidade. O conhecimento passou novamente a ser gerador de guerras, destruição - foram manipulados em função dos controladores do poder. A razão instrumentalizada pela ideologia sistêmica. O ato de pensar torna-se absoluto.

Muitos pensadores já levantaram suspeitas em fins do século passado e início deste, isto no campo da psicologia, antropologia, filosofia, física, biologia, genética, astronomia, ciências espaciais, informática, medicina, etc. De que a “pura” racionalidade fragmentava o ser humano. Mas, de alguma maneira, a modernidade tem sempre a ver com rebeldia, inovação, busca de novos caminhos de expressão e de ação.

Uma característica marcante da modernidade é a *Subjetividade/individualidade*: A modernidade cria a possibilidade e a quase necessidade de cada um ter consciência de si, de se pensar e interpretar individualmente, emancipando-se, até determinado ponto, de tutelas externas, como as da família, pais, estado, igrejas e instituições. Os laços que prendiam a pessoa a uma família, religião, ou nação afrouxaram ou se dissolveram em parte. Ela está sozinha e perplexa ante ao que assiste, em busca de si mesma, do outro e do grande outro - Deus. A sociabilidade não passa mais pela comunidade. O seu eixo é o próprio indivíduo que precisa encontrar em si um centro interno de decisão, quando tudo na sociedade o impele para a superficialidade não personalizados.

Dentro das grandes cidades o homem/mulher encontram seus espaços privados, onde as relações não estão todas pré-delimitadas, como na pré-modernidade. Como encontrar o espaço, se por um lado há a massificação profissional e pessoas que se esbarram, mas não se encontram? O caminho que se apresenta é vencer a angústia e encaminhar a própria felicidade. Felicidade, auto-realização, são os produtos de mais fácil vendagem, hoje. Basta ver os livros, objetos, religiões... São aspirações e metas tipicamente modernas, embora tenham existido sempre. Mas, não de forma obsessiva e neurizante que impedem aos indivíduos exercer a liberdade da escolha do prazer e da felicidade.

Outra característica é o uso do *Poder*: o advento da modernidade esta profundamente ligada ao sujeito, mas a racionalização fragmentária novamente transfere o potencial do ser humano para outra esfera de poder, que negligencia o ser no mundo. Países colonizadores transformam o “penso, logo sou” em “conquisto, logo sou”. Muitos pensadores deste movimento cultuam um “elitismo”, consideram-se a salvação do mundo e temem horrorizados a vida e o ser humano concretos com suas aspirações, necessidades, desejos, utopias e, uma gama de ambigüidades. Este elitismo assumiu muitos rostos na história. Os colonizadores deste continente se julgavam superiores. Os

brancos civilizados contra os não civilizados índios, negros - são qualificados como incapazes de pensar e conseqüentemente desencadearem obras civilizatórias. Uma visão evolucionista que propõe um único modelo a ser seguido.

Outra visão elitista atribui unicamente ao homem a razão, resultando na opressão da mulher. Da cultura machista resulta a dicotomia: homem/mulher, certo/errado, sagrado/profano, dentro/fora. Esta dicotomia inviabiliza a funcionalidade da vida. A mesma divisão se reflete no corpo: em cima: racionalidade, princípio de realidade, pensamento discursivo = controle; em baixo: corporal, emocional, sexo, prazer, irracionais, impulsos = deve ser controlado, cheio de culpas. Isto se traduz em conseqüências sociais: ao homem pertence a racionalidade o poder, a vida econômica e à mulher a emocionalidade; para a classe dominante pertence o controle da organização social, política, econômica, enquanto que os excluídos são qualificados de emotivos, irracionais e explosivos, por isto incapazes de gerir as organizações. O elitismo não se expõe ao risco de viver a história concreta e conseqüentemente não assume os limites que a realidade impõe. Esta transformação inviabilizou a conquista da paz, justiça, fraternidade. Milhões “não existem” por não se enquadrarem no novo sistema de padronização.

O processo da modernidade abre caminhos para o capitalismo que num processo gradual desloca o centro - do Ser Humano - para o mercado. A valorização do trabalho e da propriedade privada. O trabalho passa a ser dinheiro e importante para o desenvolvimento da personalidade.

O capitalismo acelera o seu desenvolvimento e implantação: - na primeira fase um capitalismo clássico, explorador excessivo da mão de obra sem levar em consideração a questão social; - na segunda fase neocapitalismo, social democrata, o estado tendo uma participação de 40 a 50% no PIB em muitos países, têm maior preocupação social; - na terceira fase, que vivemos hoje, o liberalismo ou neo-liberalismo com todas as suas características.

O triunfo do mercado, sociedade programada, capital transnacional, globalização, a economia não tem mais bandeira nacional, é transnacional. O Estado se retira da Economia - privatização. A competição deverá regular o mercado. O mercado se auto-regula, se ajusta. Flexibilização e fragilidade do papel do Estado. Nova divisão internacional do poder. Blocos econômicos. Centralização e concentração do capital. Corporativismo, clientelismo, autoritarismo.

O mercado é o centro - mercado idolatrado. Tem uma função ideológica, política, psicológica, religiosa. A economia não se preocupa com a justiça e as mudanças nas relações de trabalho, provoca crise das utopias, dos projetos de libertação e de democracia. O mercado idolatrado rege a humanidade com uma mão invisível. Fica difícil identificar os responsáveis diretos. O critério absoluto é a eficiência do mercado - se adquire pela competitividade.

Ilusão antropocêntrico que resulta na crise de sentido. Crise do sujeito. Falsos desejos criados pela mídia por oferecerem produtos superficiais. Crise de projetos alternativos. Massas excluídas. Desencantamento, destruição do planeta, individualismo, fragmentação da identidade. Ideologia do sucesso.

A comunicação não têm proporção do que se valoriza, exalta alguns fatos e esquece outros. Produz a cultura do light. Tudo passa a ser light para a mídia, inclusive as mortes produzidas pelo sistema. Alguém afirmava que, talvez em breve, irão lançar o vídeo “melhores momentos” da morte de Sena, Mamonas Assassinas, violência dos policiais, etc. e, as outras que acontecem diariamente. Em São Paulo morreram em 1995, 2103 jovens entre 13 e 20 anos, destes 50,1% assassinados e 12,2% em

acidentes. Só durante os dias de Carnaval '99, foram assassinadas mais de 200 pessoas. Sentir prazer com o espetáculo da morte, da destruição. A cultura light é uma ficção desvinculada do real. A transgressão e o crime seduzem, por isto são assustadores. Transgressões cometidas em grupos - como tentativa de escapar da responsabilidade. Por outro lado emergem inúmeros protestos contra esta realidade, como também, crescem as organizações que buscam alternativas.

3. Características da pós-modernidade:

A pós-modernidade vem questionar e retomar o lado revolucionário meio esquecido. Ela critica o estabelecido, mas tem dificuldades em apontar caminhos para um futuro diferente. Daí seu desassossego.

É uma atitude diante das coisas. Ensina que caímos no excesso de seriedade. Não temos o domínio sobre nossas vidas, é uma ilusão. Esta ilusão é um convite à acomodação e desistência dos sonhos. É um faz de conta que ilude a si mesmo e, o pior, ilude os outros - torna-se conivente com as injustiças.

Em 1989 caiu o muro de Berlim, construído para separar fisicamente o mundo comunista do capitalista. A queda tem um valor simbólico. Com ele ruíram as traves de sustentação do sistema mundial de poder que teve origem na revolução russa em 1917, que dividiu o mundo em polaridades. Com a queda o capitalismo não têm mais inimigos, se apresenta como universal e, a única via de salvação. Bilhões em todo o mundo são excluídos do mercado, mas não dos desejos e necessidades que o mercado cria. Os inimigos do projeto neo-liberal são os milhões de pobres em todos os países do mundo.

Não conseguindo se salvar, é preciso valorizar o imediato. Fim das ideologias - fim do papel intelectual, que Libânio resume em : “Nem pensar, nem transformar”. É a valorização do presente por mais banal que seja.

Conflito entre a valorização da globalização, blocos econômicos e, por outro, cresce a valorização do setorizado, do imediato, do momento, da especificidade de cada cultura. Emergem as inúmeras religiões como resposta - busca de sentido, mesmo que em parte neguem a realidade.

Não há uma crise econômica - o problema é onde está sendo investido o capital. Há uma crise política, crise de opções. É o sistema que está em crise: destruição de valores, pretensão do sistema, capitalismo enquanto cultura, cultura anti-solidária, oposição entre capitalismo e solidariedade, imposição de um único modelo. A pós-modernidade alude de forma genérica às condições amplas criadas pela terceira revolução industrial com todas as suas implicações.

A pós-modernidade é a crise resultante de quatro séculos de progresso moderno. Questiona no sentido de resgatar a individualidade, a autonomia, o sentido do lúdico, do prazer, solta o imaginário sisudo, rancoroso.

O ser humano abandonou o mundo da natureza e foi para uma grande aventura cultural. Elabora a cultura dissociada da natureza. Por outro lado a civilização técnica começa a valorizar a natureza, isto porque o projeto começa a “ratiar”. Isto é, não contempla a vida de todos os seres na organização social.

4. Atitudes frente este quadro social:

1. Alguns partem para a violência como única possibilidade para garantir a vida. Violência, luta armada, como caminho alternativo. Vivem num entrincheiramento ofensivo. Basta vermos os múltiplos movimentos, “guetos”, que crêem ser possível transformar pela violência. Não deixa de ser uma forma que põe em cheque o modelo excludente.
2. Outros voltam para casa e cuidam de suas coisas: rendição, consumismo, desânimo, individualismo... É o entrincheiramento defensivo. Esta atitude organiza a vida a partir dos desejos, é uma atitude complicada pois, a exclusão é do mercado, mas não dos desejos. Dificuldade em separar desejo e necessidade. Também estão em casa perplexos os que persistem em não evoluir.
3. Outros fazem a política do possível. Se perguntam: O que dá para fazer no micro? Como articular com a macro-estrutura? Esta é uma posição crítico-construtiva. Assumem a atitude de fazer com que aquilo que “parece” impossível, se torne possível.

5. As Razões dos Novos Movimentos Religiosos

É diante deste quadro que se coloca a questão dos novos movimentos religiosos. Com o “desencantamento” do mundo emergem inúmeras ofertas e possibilidades religiosas que buscam ordenar a vida, dar sentido e reencantar a realidade.

O mundo plural abre possibilidades diversificadas. Rompe o monopólio do sagrado. O grito pela autonomia expressa-se no campo religioso. O guarda-chuva da igreja católica que encobria a todos, não satisfaz mais. Ocorre um processo de declínio e corrosão institucional. A separação da Igreja e do Estado favoreceu o declínio do catolicismo. A saída individual e grupal abre espaços para novas instituições religiosas, cada uma à sua maneira, rearticula espaços de organização e relação com o transcendente. Há ruptura em muitos aspectos e, em outros, há uma reorganização dos princípios morais, que acabam por legitimar as estruturas excludentes. É uma nova cosmovisão que se estrutura. O ponto de partida tomado por cada movimento religioso depende em grande parte da sua visão de mundo. Pois, a expressão religiosa não está alheia às inquietações do cotidiano da vida. Os princípios da modernidade abriram caminho para novas maneiras de ser religioso e contribuíram para sua estruturação.

Para entendermos o fenômeno da emergência de novos movimentos religiosos, não podemos negligenciar a fragilidade em termos de identidade de cada realidade. No campo da psicologia se observa que quanto mais frágil um povo, tanto mais necessitam de um Deus forte, onipotente, todo-poderoso. Se a religião é uma construção humana elaborada historicamente, sem dúvida, ela é permeada por todos as contradições que o cotidiano da vida apresenta.

Os novos movimentos religiosos se estruturam a partir de várias matrizes religiosas: cristãs, indígenas, orientais, afro-americanas, etc. Entre as diversas manifestações destacamos o: Pentecostalismo e Neopentecostalismo, Espiritismo, Catolicismo popular, Movimento Carismático Católico, New Age, etc.

O desafio que apresentam os novos movimentos religiosos é o de desencadear um processo de diálogo em todos os momentos e direções, procurando resgatar a integridade da Criação. Superar pseudo-oposições entre: fé e vida, ciência e humanismo, necessidades e desejos, ético-política e corporeidade, auto-organização da vida e auto-regulação sócio-cultural, processos vitais e processos cognitivos - a bio-psico-sociogênese do conhecimento humano e sua busca incessante de transcendência.

Os novos movimentos religiosos correm o risco de solapar o sujeito, recolocando nas expressões religiosas as promessas não cumpridas pela modernidade, para isto, tomam o caminho de intensificar métodos proselitista sem considerar as diferentes dimensões da vida. Nos parece ser uma visão idealista e equivocada. Quando prometem a felicidade plena, prosperidade, salvação, sem considerar em muitos casos as contradições sócio-econômico-política com suas ideologias.

Torna-se urgente criar a cultura da solidariedade. A luta para ser incluído é pouco. No sistema neoliberal não cabem todos. A solidariedade requer conversões penosas, sofridas, generosas. Não é realista supô-la como um dado natural. É preciso criar cultura, como também, não dá para voltar para uma sistema tribal. É preciso reencantar a vida presente, sem absolutizar um modelo pré-determinado.

É preciso romper a impotência que leva a contemplar um deus impotente. Um dos caminhos é agir na sociedade procurando resgatar o fascínio da mensagem transformadora de Jesus. Sem encantamento ninguém ficará nos projetos por melhor que sejam. O ponto de partida é reconhecer que potencializar o ser humano é o clamor do Universo todo.

Como afirma C.R.Brandão “todos os projetos estão permeados pela subjetividade”, inclusive ou especialmente os religiosos. Os novos movimentos religiosos em grande parte envolvem seus membros emocionalmente. Aí, fica difícil para entrar neste ambiente religioso com uma outra mensagem que analise as causas dos grandes problemas nacionais e mundiais. Mesmo que por um lado há a secularização, por outro existe uma recuperação da mística e da demanda religiosa. Movimentos basicamente orientados para a satisfação das necessidades subjetivas, de fundo emocional da pessoa ou do pequeno grupo iniciados. Interessa-se pouco pelos problemas sociais terríveis do país e ignoram o que é original ao nosso processo cultural. Contentam-se em importar o que tem prestígio no mercado mundial. Estes movimentos, inclusive os de origem cristã recuam para o privado. Sem dúvida, há resistência em todos os recantos, mas nem sempre é fácil resistir ao rolo compressor das culturas dominadoras mundializadas.

Nada é definitivo na vida humana. O ponto de partida para a ação e diálogo é entender o ser humano com ser-no-mundo e um ser-em-relação. Não são dogmas, verdades eternas. Os movimentos religiosos acompanham a relatividade das ações e concepções de cada momento histórico do ser humano. Neste sentido, falar em religião verdadeira, falsa, seitas, torna-se muito complicado. O que torna-se claro é que só as afirmações individuais são imutáveis e se tornam dogmas. A verdade é relacional e dinâmica, não é propriedade de uma ou outra pessoa, religião, instituição, sociedade. Cada um têm o seu ponto de vista que conseqüentemente é relativo. Permanece o desafio de quais valores não podemos abrir mão, ou que consideramos como “absolutos”, indispensáveis ao desenvolvimento da vida e, por isto inegociáveis.

A globalização favorece a expansão do fundamentalismo, isto percebemos na maior parte dos conflitos mundiais em que a fundamentação é religiosa. São conflitos com matriz religiosa. Se por

um lado o projeto homogeneizante busca padronizar, por outro faz emergir inúmeros grupos étnicos. Emergência da identidade na sua diversidade dentro deste processo a religião exerce papel preponderante.

O desafio ao falar do florescer da religiosidade é relacionar a exclusão de milhões de seres humanos com o surgimento de novas religiões. Relação entre miséria e novas formas de religiões. A modernidade colocou a razão instrumental como centro. Esta postura não resolveu a questão da justiça. A realidade contraditória põe fim à arrogância do racional. Faz emergir os movimentos religiosos, a questão de gênero, grupos múltiplos que proclamam sua autonomia. Dentro deste contexto a religião aparece como escolha pessoal com muitas expressões mercadológicas. Isto resulta no pluralismo religioso e rompe a hegemonia. Os deuses escapam das estruturas religiosas que até então, tinham o “monopólio” do sagrado.

A abordagem do fenômeno religioso exige reflexões pluridisciplinar, isto pelo fato do fenômeno ser complexo. Este caminho evitará atitudes sectárias, intolerantes, fanáticas e abrirá inúmeras perspectivas desde o diálogo, abertura para as múltiplas religiões e a vida, com certeza, será potencializada.

Prof. Antonio Boeing – AEC/SP

Texto elaborado para reflexão individual e em grupos

Para Refletir:

- Quais movimentos religiosos você conhece e quais os eixos centrais de sua ação?
- Os movimentos religiosos autoritários matam os corpos. Como integrar as diferentes dimensões do ser humano: biológica, psicológica, social e transcendental nas expressões religiosas?
- Como superar a resignação presente em muitos movimentos religiosos frente às contradições sociais?
- O avanço tecnológico ocupa o lugar do ser humano no mercado de trabalho. Há alternativas para que todos sejam incluídos na sociedade? O que os movimentos religiosos têm a contribuir diante disso?
- Qual a missão profética dos movimentos religiosos frente os múltiplos desafios de cada realidade concreta e global?
- Como desencadear um processo de vivência da fé que contemple o ser humano na sua integridade?
- Há perspectivas para um diálogo efetivo entre os novos movimentos religiosos?

Bibliografia

1. ASSMANN, H./HINKELAMMERT, F.J. *A idolatria do mercado*. Ensaio sobre economia e teologia. Vozes, São Paulo, 1989.
2. ASSMANN, H. *Metáforas novas para reencantar a educação*. UNIMEP, Piracicaba, 1996.
3. BINGEMER, M.C.L. *O impacto da modernidade sobre a religião*. Loyola, São Paulo, 1992.
4. BRITO, E.J. e outros. *Religião Ano 2000*. Loyola, São Paulo, 1999.
5. BLANK, R.J. *A rebelião do Deus domesticado*. Paulinas, São Paulo, 1989.
6. GONÇALEZ FAUS, J.I. *Desafio da pós-modernidade*. Paulinas, São Paulo, 1996.
7. HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. Loyola, São Paulo, 1989.
8. IANNI, O. *A era do Globalismo*. Civilização Brasileira, São Paulo, 1988.
9. MIRANDA, M. de F. *Um homem perplexo*. O cristão na sociedade. Loyola, São Paulo, 1989.
10. MOREIRA, A/ZICMAN, R. (orgs) *Misticismo e novas religiões*. Vozes, Petrópolis, 1994.
11. SUNG, J. Mo. *Desejo, Mercado e religião*. Vozes, Petrópolis, 1998.

Ciências da Religião

1. Geopolítica da fé

A globalização favorece a expansão do fundamentalismo.

A maior parte dos conflitos mundiais tem uma fundamentação religiosa. São conflitos com matriz religiosa.

O projeto homogeneizante faz emergir inúmeros grupos étnicos. Emergência da identidade.

2. Campo religioso em mudança.

Um processo de declínio da corrosão institucional. A separação da Igreja e do Estado favoreceu o declínio do catolicismo. Há variações dependendo do estado.

O que significa o florescer da religiosidade. Relação entre exclusão e surgimento de novas religiões. Relação entre miséria e novas formas de religiões.

A modernidade colocou a razão instrumental como centro. Esta postura não resolveu a questão da justiça. Fim da arrogância do racional. Faz emergir os movimentos religiosos. Disso nasce os movimentos religiosos, gênero...

Religião como escolha pessoal. Religião bem mercadológico. Os deuses estão soltos. Reencantamento do mundo.

3. Pluralismo religioso

Rompe a hegemonia

Atitudes: fechar-se sobre si mesmo. Intolerância, fanatismo, dialogante – exige uma reformulação teológica

4. Abordagem do fenômeno religioso

Abordagem pluridisciplinar

O fenômeno é complexo – é fundamental o diálogo

Abrir-se para outras religiões.

Articular – economia e religião.

Economia - Tendências no mundo contemporâneo

Na atual conjuntura nada pode ser discutido sem levar em consideração o fato econômico do capitalismo em sua fase neo-liberal. Neutzling, na *Convergência* XXXI, 1996, enumera 8 características do momento vivido pela economia mundial: a revolução tecnológica; a depreciação das matérias primas; a diminuição da importância do trabalho; o conhecimento: fator decisivo da produção; a nova divisão internacional do poder; a primazia do fluxo monetário sobre o fluxo de bens e serviços; a flexibilização dos circuitos produtivos, das correntes de comércio e dos atores econômicos e a reestruturação do mercado do trabalho.

Estas características trazem à tona alguns efeitos: - A rapidez com que se expande e se impõe a globalização, pela modernização da informação, da tecnologia e do comércio, sempre em desvantagens das economias mais frágeis. - a intensidade que o impacto da globalização tem sobre os países subdesenvolvidos, submetidas a "ordem" mundial; - abrangências máximas, pois não há comunidades, grupos, instituições ou povos que escapem deste processo; - a independência de qualquer controle que goza o neo-liberalismo. Não há nada que controla o mercado, por isto é atético - é um deus supremo, que tudo pode; - dívidas externas e internas sugadoras permanentes da riqueza produzida pelas economias menores, não há recursos para projetos sociais e econômicos de auto-sustentação; - as economias locais perdem suas raízes, suas áreas e mecanismos de organização, suas tecnologias e modos de produção próprios; - urbanização cresce assustadoramente sem o mínimo de infra-estrutura; - nova acumulação de bens e exclusão dos bens que não interessam ao mercado global; - o empobrecimento dos países, grupos, pessoas, exclusão total da participação global; - o consumismo que torna-se miragem para os que não são contados neste processo; - retrocesso da democracia participativa.

Tudo é transformado em objeto, mercadoria, inclusive a terra e a pessoa humana. A pessoa vale enquanto é útil, eficiente e produtiva. Sua identidade é dada por aquilo que ela possui e não por aquilo que é. Não é vista como ser de necessidades, mas sim, unicamente, de desejos. Desejos que se encontram totalmente submetidos ao império da publicidade, tendo em vista unicamente o consumo. A capacidade de consumo torna-se o indicador máximo da cidadania. Cresce o medo do desemprego. Medo de ser incompetente, de não ser o primeiro, de não ser vendedor, de ser assaltado, medos dos outros vistos como adversários na luta pela sobrevivência. O neoliberalismo fecha-se à alteridade, aniquila as diferenças e reduz a diversidade. Este projeto faz com que o Brasil se apresente como um país fraturado, fragmentado, dividido, fundamentalmente desigual.

Questões para os grupos:

1. Comente o texto e que outros pontos vocês acrescentariam?
2. Como cada um se sente frente esta realidade nos níveis: individual, institucional e social?
3. Quais pontos são fundamentais para a Vida Religiosa Consagrada?
4. À luz da reflexão o que vocês diriam para a formação da Vida Religiosa na atual conjuntura rumo ao novo milênio?

Política - Tendências no mundo contemporâneo

A queda do muro de Berlin decretou simbolicamente a falência das grandes ideologias. Há um cansaço em relação aos grandes relatos e teorias. Duvida-se de sua validade e de sua viabilidade. Sente-se um vazio quase que generalizado das ideologias. O campo de ação parece estar restrito a pequenas ações setorizadas. As grandes decisões parecem ser um jogo pré-definido o resultado. Há aparentemente um retrocesso das organizações da sociedade civil. O que sentimos é que os movimentos sociais dos meios populares estão praticamente sem capacidade de organização. Poucas são as pessoas que crêem na possibilidade de criar algo novo através de movimentos organizados. Há uma descrença quanto a eficácia destes. Os meios de comunicação definem o que é certo e o que é errado. Além de parecer que só existe no nível social aquilo que aparece nos meios de comunicação. Há pouco interesse nos discursos dos partidos políticos, das igrejas, dos sindicatos, etc. - a ressonância existe quando respondem aos interesses mais imediatos da população. Há um interesse por resultados, os objetivos a longo prazo no encontram eco.

No nível da política a ética não está na pauta da maioria dos representantes seja do executivo, judiciário ou do legislativo. Basta ver o acentuado grau de corrupção, uso dos bens públicos como se fossem privados. O desespero da classe média parece abrir caminho para uma articulação mais ampla com os grupos populares, por enquanto o se percebe é a insatisfação e o despreparo para enfrentar a nova situação.

No plano mundial e nacional surgem manifestações de sectarismos fundamentalistas e nacionalistas mais ou menos exacerbados. Retorno ao conservadorismo e fechamentos de grupos ou países inteiros por sentirem-se ameaçados com a migração mundial ou ideologias religiosas sem fronteiras. Há pouca preocupação com a cidadania. Existe sim - uma despolitização e indiferença na maioria dos ambientes. Este vazio é preenchido por shows, consumismo, etc. São milhares os jovens sem perspectivas de futuro. Há impunidade para todos os que ocupam cargos políticos mesmo que tenham usurpado milhões dos cofres públicos. Há pouca crença na justiça. As leis são diferenciadas depende do montante econômico do "réu". Para os grupos econômicos mais fortes a lei é branda ou não existe. As decisões tomadas quase em nada beneficiam os milhões de trabalhadores seja do campo como da cidade, basta vermos a questão dos sem-terra, dos sem-teto, dos sem-trabalho, dos sem-saúde, etc. Os excluídos nem são contados. Se desaparecem seja das formas mais violentas ou de fome, a ressonância é praticamente inexistente.

Questões para os grupos:

1. Comente o texto e que outros pontos vocês acrescentariam?
2. Como cada um se sente frente esta realidade nos níveis: individual, institucional e social?
3. Quais pontos são fundamentais para a Vida Religiosa Consagrada?
4. À luz da reflexão o que vocês diriam para a formação da Vida Religiosa na atual conjuntura rumo ao novo milênio?

Cultura/educação/formação - Tendências no mundo contemporâneo

A secularização está cada vez mais presente. Uma sociedade dessacralizada e segue a lógica pluralista difundida pelos meios de comunicação. Tudo vira show e emoção. A comunicação é direta ao ouvinte procurando evoluir-lo emocionalmente. Fica difícil para entrar neste ambiente cultural com uma outra mensagem que analise as causas dos grandes problemas nacionais e mundiais. Mesmo que por um lado há a secularização, por outro existe uma recuperação da mística e da demanda religiosa. Movimentos basicamente orientados para a satisfação das necessidades subjetivas, de fundo emocional da pessoa ou do pequeno grupo iniciados. Interessa-se pouco pelos problemas sociais terríveis do país e ignoram o que é original ao nosso processo cultural. Contentam-se em importar o que tem prestígio no mercado religioso mundial. Estes movimentos, inclusive os de origem cristã recuam para o privado.

A ascensão da mulher na sociedade e na cultura é de fundamental importância. Pode trazer consigo uma mudança qualitativa no projeto humano como um todo, alterando um produto até agora determinado unilateralmente pelo patriarcalismo.

A cultura moderna se impõe a todos os povos. A opressão das culturas fortes sobre as econômicas e politicamente mais frágeis é um dado real e alarmante, que deve preocupar a todos os que se interessam em defender o que a humanidade tem de mais rico: a biodiversidade humana. Sem dúvida, há resistência em todos os recantos, mas nem sempre é fácil resistir ao rolo compressor das culturas dominadoras mundializadas.

A informática está trazendo uma revolução profunda e põe em cheque toda a questão do conhecimento e conseqüentemente da formação. Hugo Assmann analisando esta questão afirma que há três tipos de analfabetismo, que exigem uma alfabetização: a alfabetização mínima da lecto-escritura; a alfabetização sócio-cultural que é a capacidade sócio-cultural para tomar iniciativas numa economia de mercado; a alfabetização científico-tecnológica que é a habilidade de mexer com uma série de máquinas modernas. Ser analfabeto em um destes aspectos a exclusão social é maior. Se for analfabeto nos três a pessoa, grupo ou povos inteiros não existem para o mercado. Além destes analfabetismos poderíamos acrescentar: analfabetismo ecológico, corporal, religioso, etc.

Não há verdadeiro processo de formação sem conexão com as expectativas dos aprendentes. Por isto a formação deverá possibilitar a flexibilidade máxima. Uma vez que o conhecimento virou tema obrigatório. Pelo contrário, ninguém sobreviverá no mercado se não adquirir instrumentos para satisfação de suas necessidades básicas no que refere a competências mínimas e flexíveis. Estar abertos para a surpresa e o imprevisto e saber se reorganizar. Responder às questões emergentes em cada momento histórico. Conhecimento que abarca todos os processos naturais e sociais onde se geram, e a partir daí são levados em conta, formas de educação e a conseqüente organização da vida. Educação não pode ser entendida só como aquisição de conhecimento. Mas sim, como o despertar para a dignidade de sujeitos e protagonistas de sua história. Isto é, ser sujeitos-cidadãos. "Educar não é encher um cântaro, mas acender um fogo"(William Butler Yeats). É importante lembrar que a questão de formação não é somente uma operação mental, está profundamente permeada de emoções. "Todos os projetos estão permeados pela subjetividade".

Muito se tem falado da "cultura de vida" e "cultura de morte", especialmente a partir de Santo Domingo. A cultura moderna é marcada por esta dialética. Há recursos disponíveis para solucionar os inúmeros problemas da humanidade como a pobreza, analfabetismo, a doença, etc ,

com pleno respeito aos direitos e modos de ser de cada povo e cultura.

Questões para os grupos:

1. Comente o texto e que outros pontos vocês acrescentariam?
2. Como cada um se sente frente esta realidade nos níveis: individual, institucional e social?
3. Quais pontos são fundamentais para a Vida Religiosa Consagrada?
4. À luz da reflexão o que vocês diriam para a formação da Vida Religiosa na atual conjuntura rumo ao novo milênio?

Igreja - Tendências no mundo contemporâneo

Frente aos desafios da realidade a Igreja está na expectativa. Assistimos um verdadeiro retrocesso, originados da insegurança e incertezas da modernidade. Lidar com o diferente, com a liberdade, com a igualdade, com a democracia é complicado para uma Igreja acostumada a mandar, impor e dar o direcionamento. A insegurança e o mal-estar no interno da Igreja favorece a volta às sacristias. O receio de seguir a caminhada dos últimos trinta anos faz retroceder para posições mais "religiosas" alheias às grandes questões vitais. As posições "neo-conservadoras" parecem prevalecer dada a estrutura centralizado e clerical. A Igreja preocupada em ampliar o campo de influência e sobrevivência imediata, reforça o poder centralizador hierárquico. Os dois textos escritos pela Igreja do Brasil: "Diretrizes" e o "Plano Trienal de preparação para o Terceiro Milênio", não são conservadores. Mas o que se constata é que o discurso é aberto e a prática é conservadora. Os quadros hierárquicos são arremdios em relação às medidas necessárias para um confronto evangelizador mais vigoroso com os desafios e tendências da presente conjuntura.

O quadro religioso no país tem mudando muito e continuará mudando. São inúmeros os movimentos religiosos que emergem constantemente quebrando a hegemonia da Igreja Católica. Há uma perda de influência da hierarquia no plano social e político. A palavra dos bispos e padres têm pouca influência e peso em uma sociedade pluralista e mais democrática.

Muito se fala do protagonismo dos leigos. Na prática o clericalismo das estruturas e das mentalidades é muito forte, inclusive no clero jovem. Os movimentos com maior espaços no interno são os com índole conservadora e clerical. Isto é, os que reforçam a estrutura clerical. Há um retrocesso na participação social e o reflexo sente-se nas CEBs e nas pastorais sociais. Isto num momento em que a construção da cidadania é prioridade fundamental. O cansaço do clero, estagnado e indiferente aos maiores clamores dos excluídos. Para garantir um público frente a perplexidade, a tentação imediata é o pietismo. É um caminho para sentir-se útil e ter um espaço de influência mesmo que alheio aos problemas sociais. Não podemos negar que há iniciativas interessantes por serem proféticas. Experiências reveladoras de vitalidade apostólica, abertos a um projeto missionário muito além da pastoral, muitas vezes preocupada só com os que vão à Igreja.

Inúmeros desafios estão presentes e são fundamentais para a definição da ação evangelizadora da Igreja na sociedade moderna: opção pelos pobres; a inculturação - parceria com o outro, o diferente; diálogo inter-religioso; parceria com a mulher, romper a submissão; a importância da libertação; paróquia missionária, abrindo-se ao pluralismo urbano; liturgia adaptadas às múltiplas culturas; movimentos sociais - sujeitos na construção da história...

Questões para os grupos:

1. Comente o texto e que outros pontos vocês acrescentariam?
2. Como cada um se sente frente esta realidade nos níveis: individual, institucional e social?
3. Quais pontos são fundamentais para a Vida Religiosa Consagrada?
4. À luz da reflexão o que vocês diriam para a formação da Vida Religiosa na atual conjuntura rumo ao novo milênio?

Cultura/educação/formação - Conhecimento

A secularização está cada vez mais presente no mundo contemporâneo. Uma sociedade dessacralizada que segue a lógica pluralista difundida pelos meios de comunicação. Tudo vira show e emoção. A comunicação é direta ao ouvinte procurando evoluir-lo emocionalmente. Fica difícil para entrar neste ambiente cultural com uma outra mensagem que analise as causas dos grandes problemas nacionais e mundiais. Mesmo que por um lado há a secularização, por outro existe uma recuperação da mística e da demanda religiosa. Movimentos basicamente orientados para a satisfação das necessidades subjetivas, de fundo emocional da pessoa ou do pequeno grupo iniciados. Interessa-se pouco pelos problemas sociais terríveis do país e ignoram o que é original ao nosso processo cultural. Contentam-se em importar o que tem prestígio no mercado religioso mundial. Estes movimentos, inclusive os de origem cristã recuam para o privado.

A ascensão da mulher na sociedade e na cultura é de fundamental importância. Pode trazer consigo uma mudança qualitativa no projeto humano como um todo, alterando um produto até agora determinado unilateralmente pelo patriarcalismo.

A cultura moderna se impõe a todos os povos. A opressão das culturas fortes sobre as econômicas e politicamente mais frágeis é um dado real e alarmante, que deve preocupar a todos os que se interessam em defender o que a humanidade tem de mais rico: a biodiversidade humana. Sem dúvida, há resistência em todos os recantos, mas nem sempre é fácil resistir ao rolo compressor das culturas dominadoras mundializadas.

A informática está trazendo uma revolução profunda e põe em cheque toda a questão do conhecimento e conseqüentemente da formação. Hugo Assmann analisando esta questão afirma que há três tipos de analfabetismo, que exigem uma alfabetização: a alfabetização mínima da lecto-escritura; a alfabetização sócio-cultural que é a capacidade sócio-cultural para tomar iniciativas numa economia de mercado; a alfabetização científico-tecnológica que é a habilidade de mexer com uma série de máquinas modernas. Ser analfabeto em um destes aspectos a exclusão social é maior. Se for analfabeto nos três a pessoa, grupo ou povos inteiros não existem para o mercado. Além destes analfabetismos poderíamos acrescentar: analfabetismo ecológico, corporal, religioso, etc.

Não há verdadeiro processo de formação sem conexão com as expectativas dos aprendentes. Por isto a formação deverá possibilitar a flexibilidade máxima. Uma vez que o conhecimento virou tema obrigatório. Pelo contrário, ninguém sobreviverá no mercado se não adquirir instrumentos para satisfação de suas necessidades básicas no que refere a competências mínimas e flexíveis. Estar abertos para a surpresa e o imprevisto e saber se reorganizar. Responder às questões emergentes em cada momento histórico. Conhecimento que abarca todos os processos naturais e sociais onde se geram, e a partir daí são levados em conta, formas de educação e a conseqüente organização da vida. Educação não pode ser entendida só como aquisição de conhecimento. Mas sim, como o despertar para a dignidade de sujeitos e protagonistas de sua história. Isto é, ser sujeitos-cidadãos. "Educar não é encher um cântaro, mas acender um fogo"(William Butler Yeats). É importante lembrar que a educação não é somente uma operação mental, está profundamente permeada de emoções. "Todos os projetos estão permeados pela subjetividade"(C.R. Brandão).

Tirar as cinzas e reacender o fogo.

Aprofundar as convicções que sustentam a opção.

Experienciar a vida como ser e não como fazer.

Olhar para o futuro detectando os novos paradigmas.

Desafios:

Questão do individualismo.

Projeto comunitário x projeto individual.

A questão da realização pessoal numa instituição religiosa.

Preocupação com obras das congregações.

Como seguir de forma afetiva.

III. Paradigmas para a Vida Religiosa rumo ao novo milênio.

Quais são os paradigmas, referenciais, para a atuação da Vida Religiosa Consagrada rumo ao terceiro milênio? (Dialogar em grupos pequenos na própria sala e em seguida fazer uma lista e os assessores aprofundarem alguns paradigmas).

Alguns paradigmas:

Tema para os grupos:

Na Vida Religiosa

A Vida Religiosa exige uma maior flexibilidade de modo a poder responder às rápidas mudanças e demandas da modernidade. A Vida Religiosa muito presa a modelos e moldes. Percebe muitas questões, mas tem medo de avançar. Emergem questões que apontam caminhos: o ecofeminismo e da mulher; inserção nas culturas - inculturação; presença nas igrejas locais; papel social e político da VR do futuro.

Na prática a VR está voltada a pequenas práticas dentro da realidade cotidiana concreta. Muitas "grandes obras", tornam-se um peso para a jovem VR aberta a outros trabalhos. Torna-se difícil encaminhar uma solução moderna e corajosa para estas obras.

A opção pelos pobres continua sendo o eixo questionador de todas as tentativas e modelos da VR. Há um certo cansaço pela insegurança pessoal e institucional. Faltam caminhos concretos para viabilizar um compromisso mais efetivo com os excluídos. Caminhamos muito distantes dos que a sociedade "exclui". Aprofundar a espiritualidade das congregações na linha da inculturação nas grandes experiências dos povos da América latina. A intercongregacionalidade precisa avançar tendo com referência o Evangelho e a Missão evangelizadora no quadro das culturas e da opção pelos excluídos. O mesmo poderíamos dizer do ecumenismo e do diálogo inter-religioso. A VR não pode fugir às suas responsabilidades no campo social e político. Nos programas de formação algumas perguntas sobressaem: o relacionamento interpessoal; a maturação humana e afetiva e a subjetividade; e por outro lado o processo de formação à VR, seja inicial ou permanente.

O objetivo geral da CRB 1995 a 1997, tendo presente as questões sociais, especialmente a exclusão e a modernização neo-liberal imposta ao nosso país, assumiu: "Dinamizar a Vida Religiosa, em fidelidade criativa ao Evangelho e aos carismas fundacionais na comunhão com todo o Povo de Deus e seus Pastores; incentivando, segundo a imagem do Deus Trino e à luz da opção pelos pobres, atitudes, ações e projetos de solidariedade, em parceria com as forças produtoras da vida, nas diferenças produtoras da vida, nas diferenças de gênero, etnia, cultura e faixa etária, indo ao encontro dos novos rostos da missão".